

Concepções de corpo e corporeidade de professores de educação física da região do planalto em Santarém-PA

Conceptions of body and corporeality of physical education teachers from the plateau region in Santarém-PA

Jarleane Galvão Amaral
Secretaria de Estado da Educação do Pará (SEDUC-PA)
Hergos Ritor Froes de Couto
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
Santarém/PA - Brasil

Resumo

Este artigo retrata resultados e discussões provenientes de recortes de uma pesquisa de mestrado. O estudo teve como objetivo compreender as concepções de corpo e corporeidade de professores de Educação Física de escolas-polo da região de planalto no município de Santarém, no oeste do Estado do Pará. Esta pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa, de caráter descritivo do tipo pesquisa de campo e foi realizada com 11 professores graduados em EF. Utilizou-se como instrumento metodológico 02 (duas) questões geradoras: i) O que é corpo para você? ii) O que é corporeidade para você? e para a análise dos dados utilizou-se a Técnica de Elaboração e Análise de Unidade de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005). Os resultados evidenciam que as concepções de corpo e corporeidade de professores de EF são de caráter divergentes e convergentes quanto a perspectiva da Corporeidade.

Palavras-chave: Corpo; Corporeidade; Concepções.

Abstract

This article portrays results and discussions from clippings of a master's research. The study aimed to understand the conceptions of body and corporeality of Physical Education teachers from pole schools in the plateau region in the municipality of Santarém, in the west of the State of Pará. This research was based on a qualitative approach, of a descriptive character of the field research type and was carried out with 11 teachers graduated in PE. 02 (two) generating questions were used as a methodological instrument: i) What is body for you? ii) What is corporeity for you? and for the analysis of the data, the Technique of Elaboration and Analysis of Unit of Meaning was used (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005). The results show that PE teachers' conceptions of body and corporeity are divergent and convergent in terms of the Corporeality perspective.

Keywords: Body; Corporeality; Conceptions.

Concepções de corpo e corporeidade de professores de educação física da região do planalto em Santarém-PA

Introdução

Ao longo da história, o corpo sempre assumiu diferentes significados e, na contemporaneidade, ainda é engendrado de contradições, deflagrado pela influência da modernidade e pelo capitalismo, que submete o corpo à racionalização e à fragmentação da experiência existencial (PEREIRA; PICANÇO; COUTO, 2019). A visão dualista, dicotômica e fragmentária do pensamento racionalista, enfatizada na modernidade, não se coaduna com as questões que valorizam a sensibilidade e, conseqüentemente, a totalidade do corpo. A perspectiva do corpo pelo referido pensamento, o considera como uma extensão da mente, desvalorizado, subestimado e assume a funcionalidade de instrumento.

Nóbrega (2010) discute a relação do corpo na contemporaneidade por meio de duas perspectivas: a primeira é fundante de concepções racionalistas que primam pela razão em detrimento do corpo. A segunda faz uma alusão aos instintos, à vivência mítico-mágica e à ludicidade, para a qual a razão é deixada de lado para atuar somente no campo da percepção. A percepção é o modo pelo qual o corpo utiliza-se das sensações para interpretar e atribuir significado ao mundo.

Nesse sentido, Nóbrega (2010, p. 15) afirma que “a existência é primeiramente corporal e que o corpo é a medida de nossa experiência no mundo e, portanto, referência primeira do conhecimento”, uma vez que lida com os acontecimentos, interage com o outro e possui a capacidade de tomada de decisão.

Assim, a compreensão de si mesmo, do outro, a reflexão sobre as coisas que permeiam a vida, ações, fenômenos, atitudes, fatos e acontecimentos ocorrem de forma corporal, consciente, pela experiência vivida do corpo que atribui sentido à vida. Um conhecimento sensível dado pela experiência existencial. Logo, “comunicamo-nos pelo corpo. Expressamo-nos pela nossa corporeidade. Pelo corpo expressamos nossas emoções, demonstramos nossa motricidade, manifestamos comportamentos inteligentes e nos relacionamos com os outros” (NISTA-PICCOLO *et al.*, 2019, p. 387-388).

O corpo faz com que se perceba a realidade, transformando-a e, com isso, atribuindo sentido aos eventos históricos, culturais e sociais. Para Le Breton (2012, p. 26), “o corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam o seu funcionamento ou nas relações que mantém o homem que encarna”. A forma

como se vê e se tem a percepção do entorno possibilita o conhecimento e, portanto, emerge da experiência corporal.

Quanto à corporeidade, defini-la de forma objetiva e única é limitá-la conceitualmente. De acordo com Moreira e Campos (2007, p. 7), a “corporeidade, mais que um conceito, é uma atitude perante a vida, no conhecimento de si mesmo, dos outros seres humanos e do mundo ou das coisas”. Santin (1993) reforça essa ideia, quando reflete a definição de corporeidade comparando-a com a de outros fenômenos concretos. Para o autor, a corporeidade é abstrata relacionada à essência do corpo e está situada na dimensão ontológica do homem como ser no mundo.

Nóbrega (2010) acredita que a corporeidade pode contribuir para a transformação de atitudes em relação ao conhecimento e à educação, por meio da estesia do corpo e de sua comunicação sensível. Para Moreira e Campos (2017a), a corporeidade como premissa na escola encoraja o aluno em sua relação com o mundo por meio da Motricidade, incitando-o à intencionalidade de suas ações, preparando-o para a vida. A corporeidade presente no ambiente escolar caracteriza-se pela busca incessante e necessária de uma educação que desperte potencialidades e experiências que privilegiem a humanização, pois:

está intrínseco na sociedade que a educação está direcionada numa perspectiva de conduzir o aluno/educando a um processo de busca e construção da sua identidade, no qual possa realizar e desfrutar das imensuráveis possibilidades de ser e estar no mundo. E esse é o sentido ontológico próprio do fenômeno educação: contribuir para a formação e desenvolvimento humano, uma tarefa libertadora, uma marca criadora da existência humana fundada na tríade: vida-escola-mundo (SANTOS; REIS; MOREIRA, 2020, p. 9).

Partindo dessa constatação, este estudo objetiva compreender as concepções de corpo e corporeidade dos professores de EF escolar do ensino fundamental II, da região de planalto no município de Santarém-PA.

Metodologia

A pesquisa é delineada na abordagem qualitativa. De caráter descritivo, a presente pesquisa trata-se de, a partir das possibilidades sensíveis, dar novo significado e novo interesse epistemológico, pois “descrever é dizer o que há, o que existe, o que acontece, o que se dá a conhecer” (REZENDE, 1990, p. 19). A descrição, segundo Nóbrega (2010, p. 40), “busca a *própria coisa* que, embora enraizada, encontra-se repleta de significados vividos dia a dia, sem que isso seja conscientizado ou verbalizado”. Para a autora, refere-se a um estado

Concepções de corpo e corporeidade de professores de educação física da região do planalto em Santarém-PA

contemplativo do fenômeno, sem a rigidez de um sentido definitivo das coisas e das pessoas, mas de um caminhar para isso.

As etapas da pesquisa consistem: no levantamento das escolas-polo de ensino fundamental II (6º ao 9º ano) na Secretaria de Educação de Santarém (SEMED); entrevista com as questões geradoras para os professores de EF escolar da região de planalto, zona rural de Santarém-Pará, e; análise dos dados obtidos por meio da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

Quadro 1 - Demonstrativo das escolas-polo do planalto do município de Santarém.

Escolas polos	Quantidade
Escola polo – Ensino Fundamental I	5
Escola polo – Ensino Fundamental I e II	27
Escola polo – quilombola	3
Escola polo – Indígena	2
Escola polo – atividade complementar	1
	Total: 38

Fonte: Elaboração própria (2021), com base nos dados da SEMED (2019).

As escolas da zona rural – Planalto – selecionadas para fazer parte da pesquisa são as escolas-polo. Os critérios para a escolha das escolas polos de Ensino Fundamental II referem-se ao fato da obrigatoriedade da Educação Física no currículo escolar nessa etapa de ensino.

Das 27 escolas, foi encontrado o quantitativo de 18 professores que atuavam na EF, sendo que alguns trabalhavam em mais de uma (01) escola polo. Entretanto, dos 18 professores, 16 (dezesesseis) se enquadravam nos critérios de inclusão da pesquisa, 2 (dois) docentes foram excluídos por terem apenas especialização em EF, porém, sem a habilitação específica obtida no curso de graduação. Do total, 4 (quatro) professores não aceitaram participar do estudo. Também é importante pontuar que 1 (um) professor não foi contatado, devido a impossibilidade de encontrá-lo nos espaços escolares por causa da pandemia da Covid -19, assim como o contato telefônico não foi autorizado pela escola.

A amostragem da pesquisa foi não probabilística, com a participação de 11 docentes graduados em EF, que para atender aos objetivos da pesquisa, foi realizada entrevista com as seguintes questões geradoras: i) O que é corpo para você? ii) O que é corporeidade para você?

A análise e a discussão de resultados se deram por meio da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado e versa acerca de três momentos: *Relato Ingênuo; identificação de atitudes e a Interpretação.*

O relato ingênuo visa a compreender o discurso dos participantes por meio de questões geradoras, na sua origem. O segundo momento da técnica é a identificação de atitudes que consiste na plenitude do sentido do discurso e na seleção das unidades mais significativas para criar indicadores para, em seguida, sistematizar em categorias para efeito de interpretação. Nessa etapa da técnica, cabe ao pesquisador identificar os componentes enunciados, as atitudes, os termos em comum e os conectores verbais. A terceira etapa refere-se à interpretação, na qual o pesquisador faz uma análise interpretativa, buscando compreender o fenômeno na sua essência (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

Corpo e Corporeidade: concepções de professores de educação física escolar do planalto santareno

A pesquisa de campo teve início com o processo de entrevista com as questões geradoras. A primeira questão indagou *o que é corpo para você?*, da qual emergiram 10 unidades de significado:

Quadro 2 – Unidades de Significado para a pergunta: O que é corpo para você?

Unidade de significados	Professores											Nº de respostas	%
	P-1	P-2	P-3	P-4	P-5	P-6	P-7	P-8	P-9	P-10	P-11		
1 - É saúde.		X	X				X	X				4	36,3%
2 - É essencial/ é tudo.	X				X	X						3	27,2%
3 - É objeto – ferramenta - máquina.				X			X		X			3	27,2%
4 - É uma pedra bruta a ser lapidada.	X											1	9%
5 - Um meio de aprendizagem.				X								1	9%
6 - É o meio que a gente vive.					X							1	9%
7 - É toda estrutura física do ser humano.										X		1	9%
8 - É movimento.										X		1	9%
9 - É uma expressão/ expressão da alma											X	1	9%
10 - É matéria.		X				X						2	18,1%

Fonte: Elaboração própria (2021), com base nos dados obtidos na pesquisa de campo (2020/2021).

O percentual de 36% dos professores entende que o corpo é *saúde* (P-2, P-3, P-7 e P-8) e equivalem à maior porcentagem das respostas. Estes docentes relataram que:

Concepções de corpo e corporeidade de professores de educação física da região do planalto em Santarém-PA

[...] o nosso corpo é... eu falo assim, que o nosso corpo, ele é a nossa casinha [entendeu?]. Então, se você trata bem o teu corpo, você vai ter uma casinha para o resto da vida, entendeu? Você tem que trabalhar o corpo, desde a sua alimentação (Professora 2).

Especificamente com o que? Bom, antigamente, dentro da matéria de Educação Física começaram a praticar bastante nela, eles praticavam até lutas pelo corpo ser uma exibição do belo. O belo no formato do corpo. O corpo em si, na Educação Física se torna saúde. Você tem a força energética que os músculos trabalham e acabam protegendo e fortalecendo todo o corpo. [...]. A Educação Física e o corpo, elas têm que trabalhar juntas. Elas representam saúde (Professor 3).

Meu corpo, seu corpo, nosso corpo... em que sentido é essa pergunta O que é corpo para mim? Eu vejo o corpo como o corpo saudável [...]. Quando estou com eles digo que a gente tem que cuidar... Vocês têm que cuidar do corpo, como algo importante para você. Tem que tá sempre cheiroso, sempre chegar limpinho, ter higiene com o seu corpo, entendeu! Porque você ter um corpo bem e se sentir bem, você vai estar com aquela sua autoestima lá em cima, entendeu? [...]. O corpo também está relacionado à saúde. Então manter a qualidade de vida do corpo, está relacionado a cuidar de si próprio, de olhar para si mesmo e dizer: “eu me amo!”. [...] é a gente tentar se cuidar e a gente tentar manter a qualidade de vida e demonstrar para mim que eu estou bem e não ficar querendo demonstrar para o outro o corpinho perfeito (Professora 8).

Segundo os professores acima, o corpo precisa ser saudável, estar alinhado à alimentação, para se prevenir de problemas de saúde. Sobre isso, Gonçalves (2012) alerta para uma concepção dualista do ser humano em que a EF implicitamente trabalha com uma tendência biologizante, cujo objetivo está centrado principalmente na manutenção da saúde corporal. Todos esses relatos remetem a uma acuidade do corpo. Cabe destacar, na fala da professora 8, a ênfase de hábitos higienistas. Os discursos que embasam as questões higienistas derivam da área médica. Nela, entende-se que os atos higienistas modificavam os hábitos de saúde e higiene das pessoas, melhorando a qualidade de vida da população. Assim, o foco da aula da EF favorecia a educação do corpo para aprimoramento físico e obtenção de um corpo saudável menos suscetível às doenças.

A unidade de significado que designa o corpo como essencial/tudo - reflete 27,2% (três professores) das respostas e menciona o corpo como algo essencial para a disciplina de EF pela infinidade de possibilidades que pode exercer, além das contribuições da relação de um corpo com outros corpos. De acordo com os professores P-1, P-5 e P-6:

O corpo para mim é essencial, porque é o que nós trabalhamos, não interessa passar uma coisa, sendo que o corpo vai ser utilizado tanto no correr, no pular,

no saltar.... Na nossa área, o corpo é tudo na nossa área, né?, porque se não for não tem como nós trabalhar, né? (Professor 1).

Penso que ele seja também de uma forma ... digamos assim Essencial, né?, porque se a gente ali vê... digamos assim, o professor que leva em consideração o corpo dele, acaba contribuindo com os alunos, né? (Professor 5).

Corpo quer dizer tudo, né?, porque no nosso corpo nós temos que assimilar as coisas que vêm para aceitarmos. O que que é aceitar? Será que hoje eu aceito fazer uma dança? Será que hoje o meu corpo está disposto a fazer uma atividade diferenciada? porque o corpo, ele é tudo, né? O corpo se movimenta, o corpo se mexe, o corpo ele anda, né?. Tem toda uma infinidade do nosso corpo (Professora 6).

A unidade apresenta indicativos que se inserem na corporeidade. Nota-se que a concepção dos professores considera o corpo como essência da EF, principalmente por ser uma disciplina de práticas corporais. Com o corpo, é possível fazer os mais variados movimentos. A diversidade de gestos e relações que podem ser exercidas com o corpo e pelo corpo integram uma reflexão sobre a formação humana no sentido de que se justifique na corporeidade, “advogando que em cada sujeito há uma potência de possibilidades de ser no mundo, de tornar-se autônomo e crítico, capaz de refletir sua própria prática e, a partir disso transformar o seu cotidiano por meio de suas próprias escolhas” (RODRIGUES, 2018, p. 87).

A unidade que retrata o corpo como *uma pedra bruta a ser lapidada* mostra que o professor 1 busca moldar o seu aluno e prioriza corrigir gestos corporais, com o objetivo de aperfeiçoar as capacidades motoras:

O sentido do corpo para mim, né? ...o sentido de que eu posso lapidar, porque tem alunos que é como se fosse uma pedra bruta, tem que ir lapidando aos poucos. Tem alunos que não tem é... lateralidade, outros não têm coordenação motora, outros não têm aprendizagem com uma certa atividade, mas já têm com outras e assim sucessivamente. Então, o corpo para mim é uma pedra bruta, né?... que precisa ser lapidada, às vezes no alongamento e no aquecimento a gente já vê, porque tem uns que têm flexibilidade e já fazia, outros não têm tanta, então ali eu tenho que lapidar, tem que ir certo, porque senão, se não fazer certo no alongamento e no aquecimento vai dar prejuízo para eles. Nós temos que saber lapidar, se não lapidar direito, vai vir toda torta toda mal feita, né?. [...] Então, o corpo é uma pedra, como eu já lhe falei logo lá no início, uma pedra a ser lapidada, é a minha joia, se eu não lapidar direito, ela vem bruta, né? Ainda, né?. Então, ela é uma joia a ser lapidada (Professor 1).

Esse relato indicia para uma visão de que o corpo é um objeto que precisa ser “lapidado” para a padronização de movimentos. A respeito dessa ideia cartesiana, Nóbrega (2019, p. 77) ressalva que:

Concepções de corpo e corporeidade de professores de educação física da região do planalto em Santarém-PA

realizar um movimento não é, pois, ser capaz de repetir gestos padronizados, mas sim ser capaz de aprender o entorno, o mundo humano. Realizar os movimentos é realizar os projetos de nossa existência, é saber-se enquanto ser de potencialidades originais. O hábito motor não pode ser compreendido apenas pela sua biomecânica, porque o equipamento biomecânico humano é também simbólico, é produtor e produto da cultura.

Desta maneira, o corpo não pode se configurar como uma pedra a ser lapidada, reduzida a um objeto ou utensílio do qual precisa ser extraída a sua beleza em bases de níveis biomecânicos, mas pela busca que anseia o cultivo do corpo para uma intencionalidade que se realize na existência, de tal modo que crie e recrie um mundo simbólico de significações.

Partindo dessa discussão, a unidade que menciona que o *corpo é movimento* é uma delimitação de que o corpo é essencial na EF. Segundo o relato do professor 10, ao ser questionado sobre o *que é corpo?* anunciou que é:

movimento... tudo que envolve movimento pra mim é corpo. O corpo quanto à prática de Educação Física é tudo “cara”. A Educação Física sem movimento, sem Educação Física, sem você olhar o seu corpo mesmo, não é Educação Física (Professor 10).

Deste modo, desde que o movimento seja fundado pela motricidade com intencionalidade,

o movimento não é mecanicista, é intencional, possui um sentido e uma significação. Essa intencionalidade deve ser despertada, ao solicitarmos a realização de movimentos pelos alunos. Nesse sentido, na escolha dos métodos de ensino, o professor deve considerar que, ao realizar movimentos, os alunos não são objetos, corpo-máquina, prontos a reagir com precisão diante das solicitações externas, mas são sujeitos cuja condição corporal marca sua singularidade e autonomia, pois o corpo é vivo e significativo e ao mover-se, o sujeito humano cria e recria a história e a cultura (NÓBREGA, 2019, p. 86).

Por outro lado, em conformidade com o pensamento racionalista, numa perspectiva dualista, 27, 2 % (três docentes) das respostas dos professores retratam o *corpo como objeto, ferramenta e máquina*. Para essa unidade de significado, os docentes possuem a concepção de que o corpo é um instrumento, um acessório que auxilia a mente. Essa concepção é um pensamento que se consolidou, principalmente na modernidade, com Descartes, que pregava o dualismo entre corpo e mente. Segundo os professores P-4, P-7 e P-9, o corpo é:

*Eu penso que é um... um objeto, vamos dizer assim [...] (Professora 4).
Corpo? Deixa eu ver, como eu vou responder... eu vou te dar um conceito bem... pra mim o corpo humano é uma máquina que se você não cuidar, você acaba tendo alguns problemas de saúde! (Professor 7).*

O corpo? O corpo para mim é o ser cognitivo, pois o corpo é uma ferramenta (Professora 9).

Como mostram os relatos, o corpo é tratado como objeto. Desse modo, é considerado como submisso, podendo ser moldado, treinado, manipulado, enfim, controlado. Sob o mesmo aspecto, ao concebê-lo como máquina, entende-se que suas ações são mecânicas e agem como uma engrenagem em que não há intencionalidade. Mendes e Nóbrega (2004, p. 125) tecem críticas incisivas a esse tipo de definição, pois:

o corpo humano, ao ser comparado com uma máquina hidráulica, recebe uma educação que o considera apenas em seu aspecto mecânico, sem vontade própria, sem desejos e sem o reconhecimento da intencionalidade do movimento humano, o qual é explicado através da mera reação a estímulos externos, sem qualquer relação com a subjetividade.

Essas concepções dos professores conformam-se com a ideia de inviabilização de que o aluno seja sujeito de sua própria história, assim, a subjetividade, autenticidade e autonomia do aluno não se concretizarão no âmbito escolar, haja vista que a domesticação corpórea fragmenta a educação e privilegia a soberania da racionalidade em detrimento do corpo integral.

Duas professoras retratam a unidade *corpo como matéria* (18,1% das respostas). Destacam-se os seguintes relatos:

O corpo, o corpo é uma matéria, né?. Uma matéria que nós temos que trabalhar, porque do corpo que vem a mente e a alma, e nós precisamos estar preparados primeiro aqui na nossa mente para trabalhar nossa alma (Professora 6).
Olha, eu atribuo... o corpo você diz? O corpo é a matéria, né? Então, ele é não totalmente a matéria na Educação Física, porque a gente trabalha o corpo na Educação Física nas nossas aulas e nós trabalha a mente. (Professora 8).

Como observado nos relatos, esse entendimento configura o corpo como atenuante da mente e da alma, desprezando a totalidade e a formação integral. Outro aspecto citado está relacionado à criatividade que o professor deve desenvolver para lidar com as dificuldades que surgem enquanto docente na escola do Planalto, relativizando o imprevisto como algo que faz parte do cotidiano e que agrega na superação das limitações.

Para a professora 4, o corpo é *um meio de aprendizagem*. Seu relato diz que, por meio da EF, o corpo aprende:

[...] é também um meio que a gente busca aprender, né?, assim como posso dizer?... que nem eu falei que somos analfabetos motores quando a gente é

Concepções de corpo e corporeidade de professores de educação física da região do planalto em Santarém-PA

criança, né? e aí através da Educação Física, a gente pode alfabetizar, através de movimentos novos e prática (Professora 4).

Nóbrega (2019) entende que a aprendizagem repleta de significado transcende os ideais anatômicos e privilegia o entorno, a cultura e o mundo, de forma que os hábitos motores sejam um meio de extensão da existência e, assim, a aprendizagem se configura pela corporeidade. Por outro lado, se não há uma significação, um ato intencional no movimento, também não há originalidade do sujeito e, portanto, torna-se objeto ou coisa.

O professor 5 menciona que o corpo é o meio que a gente vive (9% das respostas). Para esse professor, o corpo é “o nosso meio que a gente vive, a gente depende muito dele pra tudo, né?, depende pra deslocar, pra pensar, pra viver... acho que seria isso o corpo” (Professor 5). Esse significado refere-se ao corpo como o meio pelo qual, dele e com ele, se pode vivenciar todas as experiências para se constituir como ser humano.

Ao mencionar que o corpo “depende pra deslocar, pra pensar, pra viver”, fica evidente que não há dicotomia entre corpo e mente, e sim uma relação do corpo com o meio em que o ser humano vive. Isso se manifesta na forma como o sujeito se relaciona consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

O corpo, entendido em sua totalidade, ou seja, para além da estrutura orgânica, compreende toda uma complexidade que envolve o sentir, o perceber, o pensar e o agir dos indivíduos, revelando a intencionalidade de suas ações, o que caracteriza o homem como um ser repleto de subjetividade. As vivências pelas quais passam os indivíduos tem significados e sentidos particulares, de acordo com a singularidade subjetiva de cada um. Logo, tal entendimento de corpo ultrapassa a perspectiva de corpo objeto, [...], chegando a uma concepção de corpo sujeito, não uma massa inerte, mas um corpo vivo, que sente, pensa e age de maneira singular. O corpo nesta perspectiva, passa a ter uma compreensão ampliada, transcendendo a esfera objetiva e alcançando a subjetividade do ser (SANTOS, 2019, p. 116).

Para Santos (2019), o corpo é um meio de expressão, linguagem; corpo que pode ser sentido e vivido repleto de subjetividade que transcende o sentido orgânico de sua estrutura e se entrelaça com o mundo e com os outros.

Para o professor 10, o corpo é concebido como toda estrutura física do ser humano: “Corpo? Pra mim? Pra mim corpo é talvez... talvez não, pra mim... é toda a estrutura física do ser humano, né?” (Professor 10).

Essa compreensão revela o sentido científico-anatômico do corpo. Nessa perspectiva, o corpo é um elemento da natureza em que o movimento é realizado por um organismo biológico.

Quando se analisa o “organismo”, estuda-se a estrutura física do homem, bem como o seu funcionamento. Nesse aspecto, o movimento humano pode ser estudado, porém não passará de um estudo biomecânico, fisiológico, objetivo e sem considerar a intencionalidade característica do sujeito. Quando se analisa o “corpo”, o ser humano está sendo analisado em todas as suas instâncias: física, social, psicológica e espiritual, um corpo-sujeito, construtor de sua própria realidade. Sendo assim, o corpo é a própria expressão da existência do homem, aquele que sente, age, interage, aprende, recebe e doa, é um corpo vivido possuidor de uma linguagem, de uma história e de uma identidade, é singular no seu existir e no seu relacionar-se com o mundo (SANTOS, 2019, p. 116).

O autor tece críticas ao abordar o corpo apenas como uma estrutura física, sendo desconsiderado o que lhe é próprio do sujeito, suas construções sociais, experiências de vida, as relações humanas e tudo que envolve o sujeito. Essa discussão revela a importância do corpo como existência e a complexidade desse corpo enquanto ser social.

A unidade *corpo como expressão/ expressão da alma*, corresponde ao relato do professor 11, para o qual o corpo está relacionado com diferentes meios e formas de manifestação, seja de afeto, emoção, sentimento e relação social:

[...] o corpo é uma expressão, é uma expressão da alma, né?, e aí a questão é assim o corpo, ele expressa o sentimento das pessoas, então, por exemplo, eu vou trazer para a realidade dos meus alunos, se os meus alunos estão tristes, eles expressam isso, até eu, professor, se eu estou triste eu vou expressar isto pros meus alunos através do meio corpo, através do semblante, da fala, né?, das expressões faciais, enfim, o corpo ele é tudo isso, ele traz consigo essa carga emocional, né?, então se, por exemplo, é... ao ouvir uma música, os meus alunos, ao ouvirem uma música, se for uma música agitada, né?, uma música mais ritmada, eles podem até ali fazer alguns movimentos, né?, mas se o interior deles não tiver, né?... aí eles não vão conseguir ir ali através daquele ouvir daquela música, né?, mas aí, com o tempo trabalhando esse lado emocional deles, né?, através de práticas que a gente propõe, aí eles vão melhorando, eles vão melhorando a sua socialização que foi o que eu falei no início que a Educação Física é isso e aí o corpo... eu falei e vou tornar a repetir: ele expressa o lado interior da pessoa (Professor 11).

Como se pode ver, o professor 11 não dissocia o corpo da alma, ao contrário, foi possível perceber que ele entende que o corpo não serve apenas para a prática de exercícios e movimentos, mas que deve estar contextualizado com a realidade, com a sociedade, com o cotidiano e, principalmente, com a formação humana para ser corpo-sujeito que se expressa, que critica, que tem autonomia e sensibilidade.

À vista disso, observa-se indicativos de convergência com a corporeidade na fala do docente, pois esse sentir que se manifesta e se expressa no corpo deixa os códigos e as

Concepções de corpo e corporeidade de professores de educação física da região do planalto em Santarém-PA

marcas nele impressos, como a própria história e a da sociedade. Assim, o corpo se comunica e se expressa como linguagem na produção de sentidos (GONÇALVES, 2012).

Para a segunda questão geradora: *o que é corporeidade para você?* surgiram as seguintes unidades de significado:

Quadro 3: Unidades de Significados da segunda pergunta: O que é corporeidade para você?

Unidade de significados	Professores											N° de respostas	%
	P-1	P-2	P-3	P-4	P-5	P-6	P-7	P-8	P-9	P-10	P-11		
1 - Tudo e qualquer prática com o corpo.	X										X	2	18,1%
2 - É o corpo em movimento.		X						X				2	18,1%
3 - Cultura corporal de movimento.		X					X				X	3	27,2%
4 - Viver bem com o próprio corpo.			X									1	9%
5 - Ensinar corporalmente.				X								1	9%
6 - Trabalhar a essência do aluno.						X						1	9%
7 - É o modo que a gente vê o mundo em relação ao corpo.					X							1	9%
8 - É a parte do corpo que tem relação com o pensamento/ dicotomia de corpo e alma.									X		X	2	18,1%
9 - Harmonia em sociedade/ De um ajudar o outro.										X	X	2	18,1%
10 - Significa emprego.	X									X		1	9%

Fonte: Elaboração própria (2021), com base nos dados obtidos na pesquisa de campo (2020/2021).

Em relação a questão geradora sobre corporeidade, alguns professores se mostraram desconfortáveis para responder a essa pergunta, pois muitos pediam para pensar, demorando mais tempo para iniciar as respostas, se comparado à pergunta anterior sobre corpo.

Para 27,2% dos professores, corporeidade é *cultura corporal de movimento*. O professor 7 explicita que não sabe a resposta, porém, tenta responder afirmando que “sobre corporeidade eu nem sei como te responder essa. Então, eu acho, assim, que a cultura corporal pra trabalhar assim os movimentos” (P-7).

Já o professor 11 dimensiona a corporeidade de maneira bastante presente nas aulas de EF como algo inerente à disciplina:

Corporeidade está muito introjetada na Educação Física pelo conhecimento que eu tenho de cultura corporal de movimento, né?. Eu creio que, com a Educação Física, estão muito ali atreladas, né?, se confundem algumas vezes, né?, ou todas as vezes (Professor 11).

A professora 2, embora não defina a corporeidade como cultura corporal de movimento, menciona a importância dessa cultura para a corporeidade de seus alunos:

[...] é muito bom a cultura corporal de movimento. Eu trabalho muito isso! Olha, quando eu fui trabalhar na escola nos temas escolar, eu tive muita dificuldade no primeiro ano com a corporeidade dos alunos, muita dificuldade! É... eu vou falar uma palavra aqui ... as meninas, elas eram travadas... travadas as meninas... eu fui trabalhar baliza, nossa!... as crianças eram cabeça baixa, entendeu?, elas tinham uma corporeidade tão pouca, porque na época também eu... eu fui a segunda professora de Educação Física, foi o segundo ano que eles tiveram professor de Educação Física formado na área, antes era só os outros que trabalhavam com português e tinham habilidade com Educação Física... trabalhavam matemática e tinham uma habilidade com Educação Física... Quando eu fui para lá, eu tive muita dificuldade com isso, muita dificuldade mesmo, entendeu? [...] (Professora 2).

Bracht (2019) versa sobre os conhecimentos da cultura corporal de movimento, ressaltando a necessidade de ir além do saber fazer corporal (práticas corporais), ou seja, é fundamental que se reconheça que o corpo é uma construção histórico-cultural e que o movimento é uma maneira de conhecer e apropriar-se do mundo, que precisa estar permeado de compreensão crítica dessas práticas corporais.

Desse modo, a corporeidade está relacionada à cultura e à história, tendo como base o movimento que busca a sensibilidade para dar sentido às ações humanas que são presença corporal no mundo (NÓBREGA, 2019).

Outra conceituação de corporeidade, apontada por 18,1% dos respondentes, compreende que a corporeidade é tudo e qualquer prática com o corpo.

Corporeidade, nós da área sabemos que está falando de alguma coisa que tem a ver com o corpo (Professor 1).

Corporeidade? Eu acho que tem tudo a ver com Educação Física, eu tiro pelo que eu entendo da cultura corporal de movimento, que é os jogos, é as lutas, né?, as danças, a ginástica, enfim, tudo e qualquer prática com o corpo, né? (Professor 11).

Concepções de corpo e corporeidade de professores de educação física da região do planalto em Santarém-PA

Nesses relatos, os professores não demonstram certeza em suas afirmações. Ao alegarem que é qualquer prática com o corpo, deixam tudo muito amplo e não definem a corporeidade em si. Essa unidade converge para a segunda unidade de significado também de maior abrangência, com 18,1% das respostas; estes entendem que a corporeidade é corpo em movimento. Conforme mostram os relatos a seguir:

Corporeidade é o corpo em movimento. Então, tudo que você trabalha na Educação Física que gera o movimento do corpo, é a corporeidade (Professora 2).

Em relação à corporeidade, está relacionada ao movimento do corpo, mas ela não é somente na questão do corpo, mas a questão também de você entender o ser humano, saber lidar com certas situações, é uma coisa muito complexa, né? O quê que é corporeidade? muitas pessoas inclusive falam: “ah, não, corporeidade é uma coisa que não trabalho muito com os meus alunos”. Mas, se você for avaliar é algo que você trabalha praticamente em tudo, em todos os assuntos, entendeu?! Tanto numa atividade esportiva, uma atividade recreativa, numa atividade lúdica, porque a maioria das atividades que os professores fazem, têm um pouco de lúdico, entendeu? Não tem aquela coisa mecânica! Você vai fazer isso... isso... isso... não! Automaticamente, você tem que se movimentar, porque isso é um processo humano (Professora 8).

Diferente da professora 2, que dá uma resposta direta e sem uma contextualização, a professora 8 entende que a corporeidade é ampla e está em tudo, além de poder se fazer presente nas maneiras de lidar com as diversas situações que surgem, sendo o movimento fundamental para as interações e realização de práticas corporais que superem o sentido mecânico.

Essa unidade traz importantes reflexões sobre a universalidade da corporeidade e a superação da mecanização do movimento. Partindo desse contexto, a corporeidade se faz presente, na medida em que contempla todas as dimensões da vida do ser humano e entende que ele é histórico, biológico, cultural e complexo, buscando sentidos e significações para as objetividades e subjetividades do mundo.

Viver bem com o próprio corpo é uma unidade de significado relatada pelo professor 3, que considera a corporeidade a partir de uma visão transcendental de superação que se realiza sempre em busca do ser mais, compreendendo-se como ser inacabado, que precisa superar as suas limitações.

[...] Corporeidade é viver bem com o seu próprio corpo, é conseguindo vencer as próprias limitações (Professor 3).

Nesta mesma perspectiva, a unidade de significado que retrata que a corporeidade é o modo que a gente vê o mundo em relação ao corpo é relatada pelo professor 5:

Corporeidade, acredito que seja o modo que a gente vê o mundo em relação ao corpo, por exemplo, nas atividades físicas, a gente depende muito do nosso corpo para praticar. Como eu te falei, sendo fisicamente ou intelectualmente (Professor 5).

Evidenciando as afinidades dessas duas unidades de significado, percebe-se que a corporeidade é superação que transcende as limitações e que está presente na relação do corpo com o mundo. O professor 5 tem uma concepção relativa à corporeidade, pois esta é uma maneira de comunicação do corpo, com o mundo e com o outro. “Na base de toda compreensão da realidade está o sentir, esta realidade pré-objetiva que temos que descobrir em nós mesmos, a partir do nosso mundo-vida, da nossa corporeidade” (NÓBREGA, 2019, p. 72). É uma aprendizagem que se estabelece por meio do corpo, que percebe e interpreta por meio do saber sensível conjuntamente com o saber racional, permeado de sentidos e significações para ser-no-mundo.

Ainda no mesmo aspecto, a unidade de significado que compreende que a corporeidade é *trabalhar a essência do aluno* representou 9% das respostas. De acordo com a professora 6:

Quanto à corporeidade, primeiro que ela é bem grande, né?, porque ela trabalha um todo, né?. A gente tem que trabalhar isso com o aluno, a questão corpo e a essência do aluno e a gente mesmo também. [...] nós temos que despertar para saber primeiro quem eu sou, como eu sou, para passar pro teu aluno. [...] Mas, eu quero te dizer assim que isso tem que ser bem trabalhado. Primeiro eu professora, para depois eu trabalhar o meu aluno, o todo. Entendeu? (Professora 6).

Essa interpretação levanta questões sobre a reflexão do eu, de se perceber, de interpretar a própria existência, buscando compreender a si próprio e a sua essência. Mesmo porque cada pessoa percebe o mundo, os outros e a si mesmo à sua maneira. Essa visão de totalidade da professora 6, ao atribuir a necessidade de trabalhar a essência do aluno, culmina para o sentido da corporeidade.

Corporeidade é ensinar corporalmente – essa unidade de significado aponta para um sentido um pouco vazio. A fala da professora 4 designa que “a corporeidade é ensinar

Concepções de corpo e corporeidade de professores de educação física da região do planalto em Santarém-PA

corporalmente. Como o próprio nome sugere, né?, é ensinar o corpo das mais variadas formas e atividades” (P-4).

Diferentemente do que a professora 4 sugere, a corporeidade não se limita à realização de práticas corporais. Desta forma, é muito mais que um gesto corporal, é uma atitude, uma visão de mundo que ultrapassa a realização de exercícios. Contribuindo com essa concepção, Bracht (2019) aponta a importância para os conhecimentos que devem ser estimulados, a partir dos quais o professor, além de proporcionar as práticas corporais, necessita saber a respeito desse fazer corporal. O movimento exige intencionalidade e sentido. Deste modo, o ensino de práticas corporais sem intencionalidade não reflete, nem compactua com a corporeidade.

A corporeidade é a parte do corpo que tem relação com o pensamento/ dicotomia de corpo e alma – em relação a essa unidade, o sentido apontado pela professora 9 é mostrado a seguir:

Corporeidade eu penso que é... é... é a parte do corpo... eu digo que tem a relação do pensamento [né?], do cognitivo da pessoa com o que o corpo pode desenvolver com aquela ação que é o movimento, porque trabalha movimento. Você vai se desenvolver com o movimento, você observa tudo [...] (Professora 9).

Essa interpretação da professora mostra a relevância atribuída à fragmentação do corpo. A princípio, assinala para a valorização da mente (pensamento, cognitivo) em relação ao corpo como um acessório que está para auxiliar o pensamento na execução de determinado movimento. Isso dispõe sobre a visão dualista, que separa o corpo da mente, em que o corpo é apenas um objeto que é serviente à mente. Essa visão vai de encontro à perspectiva da corporeidade, que compreende o sujeito na sua unidade e totalidade, na qual corpo e mente, apesar de serem unidades distintas, são concebidas como inseparáveis, interdependentes em uma relação harmônica.

Nesta mesma direção, está o entendimento do professor 11, que considera que a corporeidade é a separação entre corpo e alma:

Então, corporeidade, eu creio que ela traz essa... eu creio que ela traz essa abrangência aí, né?, dessa dicotomia corpo e alma, esse sentimento que vem de dentro e expressa no corpo, no físico. Eu acho que o corpo ele... ele, novamente, ele é uma expressão da alma, ele é uma expressão de sentimentos, né?, e aí a questão corporal, ela traz isso consigo (Professor 11).

O professor 11 faz a cisão entre corpo e alma e dirige-se para uma concepção dualista, um idealismo cartesiano de dicotomia. Por outro lado, no mesmo relato, indica que o corpo é uma expressão, é algo que faz parte e se manifesta pela sensibilidade, o que diz respeito a traços da corporeidade.

Segundo Nóbrega (2005), o sentir é essencial para a compreensão da realidade, da relação com outros corpos. A corporeidade, portanto, é primordial entendendo-se que mundo e corpo são dependentes construídos de unidade existencial, sendo este último dotado da percepção, do sentir. A “Corporeidade é estar presente na facticidade da vida percebendo o mundo” (MOREIRA; CAMPOS, 2017b, p. 5).

A unidade que considera a corporeidade como significado de emprego é referente à resposta de um único professor. Para o professor 1, a corporeidade é o seu emprego, pois entende que sem os corpos dos alunos ele não teria profissão. Essa associação da corporeidade com o seu emprego/trabalho assinala para uma questão pessoal do professor 1, relacionada ao seu sustento, deixando de apontar um sentido pleno relacionado à corporeidade.

Já a unidade de significado que compreende a corporeidade como harmonia em sociedade/ e de um ajudar o outro está relacionada à forma como se vivencia e se percebe atuando em sociedade.

Primeiramente, na fala do professor 10, a concepção dele sobre corporeidade é um tanto confusa, no final da resposta, entende-se que se trata de compreensão e parceria entre aluno e professor.

[.] corporeidade já está dizendo, eu acho que tratar o aluno de forma escusa, eu acho que isso daí talvez ele não seja o que tu queiras ouvir, mas talvez seja uma forma de não tá contribuindo com ele, entendeu? excluir ele na Educação Física, tratá-lo de uma forma, de uma forma diferenciada, do que gosta e do que não gosta, talvez não faça parte dessa questão corporal, dessa questão da corporeidade. Então, eu acredito que eu... na minha percepção de professor, quando em questão de corporeidade, é a questão de um auxiliar o outro, de um tá do lado do outro do outro, de um, na hora que precisar, estar ali para ajudar. Está sempre, sempre..., sempre... como diz assim, uma palavra bem... para fechar esta pergunta?! Sempre estando ali um com o outro, entendeu? (Professor 10).

Concepções de corpo e corporeidade de professores de educação física da região do planalto em Santarém-PA

A fala do professor 11 está relacionada a como se percebe e como é importante a questão corporal para a harmonia e o equilíbrio em sociedade.

Então, é na questão do meu falar, é na questão da minha conversa, né?, eu acho que a questão corporal, ela é importante nesse sentido de manter uma harmonia em sociedade, né?, manter um equilíbrio ali no meio em que você está, né? localizado (Professor 11).

Essa questão apontada pelo professor 10, de ajudar um ao outro e da não exclusão, direciona para a ideia de que a corporeidade se firma na comunicação de dois ou mais corpos. Na interação e relação de uns com os outros, alude para a aquisição de experiências que contribuem para a superação dos limites e possibilitam a construção de aprendizagens na integração de um sujeito com o outro. A questão corporal, presente nessa comunicação e a relação de um corpo com o outro, é apontada pelo professor 11 como uma manutenção para a harmonia em sociedade por meio do diálogo e interação humana.

Partindo dessa reflexão, é possível perceber que há muitas concepções para corpo e corporeidade, conforme mostrou os quadros de unidades de significados, que revelaram que muitos professores não possuem uma definição clara, porém alguns relatos mostram traços da corporeidade e outros possuem uma visão dualista, cartesiana.

Considerações Finais

A pesquisa demonstrou as distintas concepções sobre corpo e corporeidade e contou com a participação de 11 professores de EF que atuam na educação básica em escolas municipais do Ensino Fundamental II, na região do Planalto santareno.

Os resultados evidenciaram que as concepções de corpo e corporeidade de professores de EF são de caráter divergentes e convergentes quanto a perspectiva da Corporeidade. As divergentes dão a conotação de uma visão dualista, cartesiana, maquinica, biológica/desenvolvimentista. As convergentes, embora não ofereçam uma definição contextualizada, citam alguns traços da corporeidade.

Desse modo, os resultados mostraram a necessidade de reflexões acerca da corporeidade, especialmente quanto à trajetória do corpo na formação escolar. As reflexões sobre corpo e corporeidade, visam ao fomento de desenvolvimento de práticas pedagógicas que possibilitem uma amplitude de conhecimentos, atitudes e experiências relacionadas à corporeidade, a partir de uma formação integral do aluno, a fim de superar a mecanização, a

dicotomia do corpo, buscando sua autonomia, estabelecendo relações que possibilitem ao estudante se emancipar e continuar seu processo de formação humana de forma integral.

Referências

BRACHT, Valter. **A Educação Física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser** (elementos de uma teoria pedagógica para a Educação Física). Coleção Educação Física. Ijuí: Ed. Unijuí, 2019. 256p.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar, Agir – Corporeidade e educação**. 15ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Trad. Sônia M. S. Fuhrmann. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 27, set-dez, 2004, p. 125-137.

MOREIRA, Wagner Wey; CAMPOS, Marcos Vinicius Simões de. Necessidades do Corpo Criança na Escola: Possíveis Contribuições da Corporeidade, da Motricidade e da Complexidade. **Revista Utopía y Praxis Latinoamericana**, Universidad del Zulia, v. 22, n. 79, 2017a.

_____. Corporeidade, Motricidade Humana e Cultura Esportiva: Princípios Fundamentais para Práticas Educativas. **Revista COCAR**, Belém, Edição Especial n.4, Jul.-Dez. 2017b, p. 212 a 230.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **R. bras. Ci e Mov.** 2005; 13(4): 107-114.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení *et al.* As inteligências expressas na corporeidade vivida no cotidiano escolar. **Revista educação e cultura contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 44, 2019, p. 369-393.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. A atitude fenomenológica: o corpo-sujeito. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; CAMINHA, Iraquitán de Oliveira. (Orgs). **Merleau-Ponty e a Educação Física**. São Paulo: Liber Arts, 2019. 208p.

_____. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora livraria da Física, 2010.

_____. **Corporeidade e educação física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. Natal: Editora UFRN, 2005.

PEREIRA, Ana Hilguen Marinho; PIKANÇO, Nizianne Andrade; COUTO, Hergos Ritor Froes de. A relação entre a corporeidade e as habilidades sociais no contexto amazônico. In: COLARES, Anselmo Alencar; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa (Orgs.). **Educação e realidade amazônica**. Santarém, Pará: UFOPA, 2019.

Concepções de corpo e corporeidade de professores de educação física da região do planalto em Santarém-PA

REZENDE, Antônio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1990.

RODRIGUES, Rosenilma Branco. **Corporeidade e Educação do Campo: os sentidos atribuídos ao corpo na prática docente nos territórios rurais de Santarém-Pa**. 2018. 143f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém/PA, 2018.

SANTIN, Silvino. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, Wagner Wey. (Org.). **Educação Física & esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

SANTOS, Luiz Anselmo Menezes. Diálogos entre o pensamento de Merleau-Ponty e o campo educacional: reflexões sobre a corporeidade nas aulas de Educação Física escolar. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. (Orgs.). **Merleau-ponty e a Educação Física**. São Paulo: Liber Arts, 2019. 208p.

SANTOS, José Carlos dos; REIS, Laudeth Alves dos; MOREIRA, Wagner Wey. Corporeidade aprendente na escola: por uma abordagem fenomenológica em educação. **Revista Cocar**, Belém, V.14. N.30 Set./Dez./2020 p.1-21.

Nota

Projeto de pesquisa aprovado pelo CEP – Comitê de Ética e Pesquisa da UEPA (Universidade Estadual do Pará). Processo com o número de protocolo: 32445920.3.0000.5168 e parecer de número: 4.144.230.

Sobre os autores

Jarleane Galvão Amaral

Mestra em Educação pela Universidade Federal do Oeste do Pará (2022). Possui Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (2010). Possui Especialização em Metodologia do Ensino da Educação Física pelo grupo UNINTER (2013). Graduada em Pedagogia pela UFOPA (2022). Atualmente é servidora da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA).

ORCID: 0000-0002-2256-7185.

e-mail: jarleane.amaral@escola.seduc.pa.gov.br

Hergos Ritor Froes de Couto

Pós-doutor em Desporto pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto/Portugal (2016). Doutor em Educação pela Universidade Nove de Julho (2012). Mestre em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (2008). Graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2009). Licenciado e Bacharel em Educação Física pela Universidade Nove de Julho (2004). Docente da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

ORCID: 0000-0002-0101-4012

e-mail: hergos@hotmail.com

Recebido em: 30/11/2022

Aceito para publicação em: 23/12/2022